

Entrevista com o Professor Dr. Sírio Possenti*

Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues**

Sírio Possenti é professor, pesquisador e escritor, além de ser considerado um dos mais respeitados linguistas brasileiros da atualidade. É doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1969) e em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (1974). Suas pesquisas e publicações têm ênfase em Análise do Discurso de linha francesa, especialmente, nos campos de humor e mídia.

A entrevista trata de conceitos caros à análise do discurso, como verdade e acontecimento.

DR: Há vínculos necessários entre sociedade, mídia e conhecimento? Como explicá-los?

SP: Não há como desvincular esses três ingredientes. Mas suas relações devem ser qualificadas. Primeiro: não há conhecimento fora das sociedades (espero que não seja necessário justificar essa afirmação). Mais que isso: o conhecimento, especialmente o de tipo científico, é produzido em campos relativamente circunscritos e é institucional. O que precisa ser mais bem explicitado é o fato de que as sociedades são em geral desiguais e que, assim, o conhecimento é desigualmente distribuído, trate-se do científico (o caso mais óbvio), trate-se do relativo a outras práticas (aprende-se a pescar perto da água, a cultivar no campo, a andar de elevador na cidade, a mexer com bancos em sociedades de certa complexidade econômica, etc.).

A relação entre mídia e conhecimento também precisa ser qualificada. Dois pontos, em especial. Uma coisa é a “verdade” que a mídia veicula (a história do presente que ela escreve sobre o país, os políticos, as instituições, os eventos que ocorrem, etc.): esta é sempre parcial e interessada, porque os “meios” têm donos que têm posições e interesses. Outra coisa é a “verdade” a partir da qual a mídia se sustenta: um jornal invoca constantemente os especialistas (economistas, médicos, sociólogos, criminalistas, etc.) para

justificar suas posições. Claramente, cada veículo tem seus economistas e seus sociólogos, por exemplo. Quando um repórter ou apresentador de notícias de determinado canal de televisão diz que ouviu os especialistas, já se pode mudar de canal, porque se sabe de cor o que eles vão dizer sobre as finanças, sobre as eleições. Os enunciadores estão sempre alinhados com alguma tendência. Isto é, nunca falam numa comunidade em que todos são livres e iguais e têm interesses comuns (uma balela que, no entanto, se repete muito).

DR: Quem se propõe a analisar discurso se propõe a analisar o quê?

SP: O analista do discurso se propõe a descobrir relações entre o que é dito e o mundo. E sua tese de base é que tais relações não são imediatas e diretas. As palavras não retratam ou espelham as coisas. O que o analista descreve são essas relações, tentando mostrar o posicionamento (a ideologia, a visão de mundo) que os textos materializam. Eventualmente, ou quase sempre, se forem minimamente espertos, esses analistas descobrirão que, para cada posicionamento, os fundamentos (Maingueneau os chama de “semas”) dos discursos são poucos e repetidos com muita frequência. Além disso, tais “semas” são apresentados como se fossem verdadeiros, por motivos, por exemplo, filosóficos (todos são iguais (igualdade), tese que demanda tratar

* Professor titular no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Atua em diversas áreas da Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, principalmente na sub-área da Análise do Discurso, em especial nos campos do humor e da mídia.

** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Mídia e Discurso (MiD).

igualmente homens e mulheres, ser contra o racismo e a homofobia...). Eventual choque entre uma tese filosófica (ideológica) e outra que se apresenta como científica pode gerar dois discursos: por exemplo, “quem trabalha 30 anos tem direito à aposentadoria” vs “as sociedades estão envelhecendo (o que obriga a adiar a aposentadoria)”. Nesse segundo caso, o discurso pretende se fundar em um saber dito objetivo — a demografia. O outro é “ideológico” (por que todos devem ser tratados igualmente?, alguém poderia perguntar).

Se tivermos lido os jornais e ouvido os políticos e os “especialistas” durante os últimos dois anos, constataremos que ouvimos, milhares de vezes, as mesmas duas, três teses. Um analista pode apenas constatar isso (proferimos muitos enunciados a partir de uns poucos pontos de vista) ou pode também militar por uma das causas. Julgo essa descoberta de Maingueneau crucial para compreender muito do que se passa neste mundo dos discursos: a partir de poucos “nós”, passamos a vida falando...

DR: Que relações podem ser estabelecidas entre mídia e acontecimento (acontecimento do ponto de vista de Foucault)?

SP: Diria que, por definição, mídia trata de acontecimentos. Eles podem ter maior ou menor grandiosidade, ser mais ou menos espetacularizados. Por razões históricas, nem todos os acontecimentos “iguais” são tratados igualmente. Por exemplo: o assassinato de Marielle Franco é mais “acontecimental” do que o de um anônimo pobre. Pode-se alegar que são duas vidas humanas (é um discurso...). Pode-se alegar que um tem vida pública e outro não... (é outro discurso). Muita gente reclama do fato de que ficamos sensibilizados com uma criança síria, mas não com as milhares que morrem aqui. O tratamento diferente tem razões sociais: apesar de declarações universais (todos são iguais), as sociedades não tratam a todos igualmente (um dos primeiros textos que li na vida sobre “acontecimento” dizia que, se meu cachorro morre, isso não é um acontecimento, mas se morre

o da Brigitte Bardot, isso é um acontecimento). Os acontecimentos são relevantes para a análise do discurso porque “produzem” *corpus*: primeiro, as notícias; depois, sua associação a outros acontecimentos (evoca-se uma memória, fala-se de um a partir de outro). Essa associação pode mostrar que o mesmo discurso volta sempre que ocorrem coisas semelhantes: voltam as mesmas palavras, com os mesmos ou com outros sentidos. Ou constroem-se metáforas: fala-se de “soja louca” porque se falou de “vaca louca”, de um “tsunami eleitoral” porque antes se falou de um tsunami prototípico... Outro exemplo: o processo contra Dilma (*impeachment?* golpe?) retomou o caso Collor, o caso Lugo, fez reler a Constituição e os dicionários de ciência política, no caso, até para conferir aos diversos discursos uma base mais ou menos “científica”, supostamente mais sólida do que as opiniões ou mesmo a interpretação jurídica. Outra coisa importante (Foucault esclarece isso, seguindo, de certa forma, a dita história dos Annales) é que há acontecimentos não pontuais, como a agricultura europeia na Idade Média (acontecimento de longa duração), como as mudanças demográficas recentes (acontecimentos que duram 60 ou 100 anos); a distribuição dos aplicativos modernos, que mudam a vida e os discursos, sem que percebamos isso imediatamente... Insisto: são relevantes para a história, por um tipo de razão. E, para a AD, porque geram temas novos e *corpus* abundante...

DR: Como discutir verdade e mídia?

SP: Questão complicada, porque a mídia tem lado. Como os jornais e a TV contam o que está acontecendo? Por exemplo, li em algum *blog* que a TV Globo se apossou de Marielle e a branqueou... Seria necessário analisar tudo o que a emissora disse, comparar com o que dizia Marielle (pouco conhecida no país) para verificar aspectos do que aconteceu. Há perguntas: com isso, a emissora quer justificar a intervenção? Quer limpar sua barra? Contraponha-se o que se diz em público sobre a personagem e o que escreveram algumas pessoas nas redes sociais... Volto a uma

questão mencionada acima: em algum momento, entra em cena um “saber” (exames de balística, imagens das câmeras...); pode ser que ele defina culpas e então os discursos terão que considerar as “provas” — se elas forem críveis e não surgir outro especialista colocando os resultados em questão (rememorar o caso das gravações da conversa de Temer com Batista e o imediato apelo aos analistas de imagens e equipamentos... A “verdade”, diz Foucault, tende a invadir todos os espaços. Mesmo a gastronomia, como podemos ver todos os dias nas TVs...).

DR: Qual seria a agenda de pesquisa da AD para o século XXI?

SP: A análise do discurso se dedicou tipicamente ao discurso de e sobre minorias. Ou a certos campos, como a política e a mídia, questões antes relegadas à Sociologia. Pode-se talvez procurar uma relação que não seria mera coincidência entre a emergência da análise do discurso e a pragmática e mesmo os estudos de língua falada. De certa forma, todos esses flancos levam a sustentar que o “real da língua” não é nem o das gramáticas tradicionais, obviamente, mas nem a língua dos sistemas, de certa forma “abstrata”. É nas interações reais que ele está. A AD está nesse solo, de certa forma, mas com especificidades: para essa teoria, uma sociedade na qual se fala é uma sociedade dividida, não apenas heterogênea. Os sentidos são disputados. Não seria verdade que eles apenas “derivam” em consequência do uso. Não há universais, nem mesmo os sociais, como seriam as regras de cortesia... Há lutas, agressões, polêmicas — sobre as coisas e sobre as palavras (por exemplo, “isto é (ou não) é fascismo”: discute-se a adequação da palavra à coisa). E, muito importante: as boas análises do discurso analisam as palavras e os enunciados (eventualmente as imagens, dada a natureza intersemiótica de muitos discursos). Pode-se mostrar, mas isso exige mais do que uma boa teoria linguística (indispensável, no entanto), que o “Movimento Brasil livre” deve ser interpretado, embora com alguma vagueza, como “livre de discursos e de ações de esquerda”, e não como “livre de Bolsonaro”, por exemplo. Ou

seja, esse vazio sintático, permitido pela língua, tem interpretação na história — que, para a AD, substitui o contexto invocado pela pragmática ou pela sociolinguística. Agenda? Talvez seja voltar-se para os grandes discursos (a filosofia, a religião, a literatura) e para as redes sociais, esse novo espaço muito heterogêneo, que é onde as pessoas falam hoje. De certa forma, essa agenda já começou a ser implementada. Mas vai dar muito trabalho...

